

O perfil de Paulo no Livro dos Atos dos Apóstolos

Introdução: Ao mencionar Paulo imediatamente, em At 7,58, o autor do livro dos Atos sugere uma urgência imprevista. É, porém, vencido por ela que o autor abre um portal de estratégia literária, onde historiografia e teologia ministram uma excelente narrativa dos primeiros tempos do cristianismo.

No decorrer do livro, o autor transforma esta urgência numa liderança, que o leva a ocupar-se da pessoa e da ação de Paulo em, pelo menos, 17 dos 28 capítulos que compreendem a totalidade da narrativa (At 9; 13-28).

O tempo que o autor demora e os elementos que condensa nesta figura tornaram-se incontestavelmente determinantes numa figuração da personalidade e do testemunho de Paulo para todos os tempos do cristianismo.

Esta imagem de Paulo tem suscitado, nos últimos tempos, um vasto debate e investigação. O livro dos Atos não é o único a falar-nos de Paulo. Existem outros testemunhos escritos que parecem divergir ao nível literário e histórico. Referimo-nos às Cartas de Paulo. Algumas exegetas, insistem numa convergência e compatibilidade entre estes dois testemunhos escritos, outros limitam-se a retirar toda a credibilidade histórica ao livro dos Atos. Duas monografias recentes ilustram o debate decorrente: o estudo de Stanley Porter, *The Paul of Acts* (1999),¹ empenhado em valorizar os pontos comuns entre os Atos e as Cartas, e o estudo defendido por Christopher Mount, *Pauline Christianity* (2002),² que se atreve a colocar a redação do livro dos Atos no início do séc. II, realizada por um autor anónimo que inventou a personagem de Paulo com o objetivo de construir a imagem de um herói da cristandade nascente.

Cada um destes estudos integra uma corrente importante de investigação: a que sustenta uma proximidade defendida, já no séc. II por S. Ireneu,³ e que considera o livro dos Atos como um segundo livro de Lucas, escrito com o objetivo de garantir uma harmonia entre Jesus, os apóstolos e Paulo; e a corrente que acentua a distância, encetada no séc. XIX pela escola de Tübingen e amplamente desenvolvida pelos estudos de Ferdinand Baur.⁴ Neles, o autor dos Atos emerge como alguém que consciente ou inconscientemente deformou a realidade histórica, desenhando os contornos da identidade do cristianismo na confluência de duas importantes perspetivas teológicas: o judeu-cristianismo de Pedro e o heleno-cristianismo de Paulo. Para esta escola de Tübingen, o Paulo que encontramos no livro dos Atos é um Paulo tributário de uma historiografia de compromisso, que acentua deliberadamente as convergências de modelar Pedro a Paulo e Paulo a Pedro.⁵ A autêntica imagem de Paulo aparece apenas nas Cartas, curvada, no livro dos Atos, aos pés de um projeto teológico que a deforma.

Recentemente, no XX Congresso da *Association catholique française pour l'étude de la Bible*, realizado em 2003, com o tema *Les Actes des Apôtres. Histoire, récit et théologie*, emergem novos horizontes de compreensão. Um dos contributos mais significativos é defendido por D. Marguerat, que nos desafia a ler a narrativa do livro dos Actos, no seu conjunto e, nomeadamente, o que se refere ao testemunho de Paulo, não como uma reportagem histórica *versus* pura ficção, mas como o processo de uma tradição que se gera e rediz.⁶ Como é que Lucas recolheu a tradição e «redisse» a história de Paulo?

Este horizonte novo de leitura foi também objeto de um estudo recente publicado por O. Flichy, *La figure de Paul dans les Actes des Apôtres. Un phénomène de réception de la tradition paulinienne à la fin du I^{er} siècle*

¹ S.E. PORTER, *The Paul of Acts. Essays in Literary Criticism, Rhetoric, and Theology* (Tübingen 1999).

² C. MOUNT, *Pauline Christianity: Luke-Acts and the Legacy of Paul* (NTS 104; Leiden 2002).

³ Cf. *Adversus Haereses* 3, 14, 1 (trad. F. Sagnard, *Sources Chrétiennes* 34; Paris 1952).

⁴ F.C. BAUER, *Paulus, der Apostel Jesu Christi* (Tübingen 1845);

⁵ Cf. D. MARGUERAT, «L'image de Paul dans les Actes des Apôtres», in *Les Actes des Apôtres. Histoire, récit, théologie*, XX^e congrès de L'Association catholique française pour l'étude de la Bible (Angers 2003) 126.

⁶ Cf. *ibidem*, 127.

(2007).⁷ Esta autora sugere um novo quadro hermenêutico fundado sobre uma noção nova da receção das tradições acerca de Paulo; um quadro capaz de integrar a tripla competência do autor do livro dos Atos como narrador, historiográfico e teólogo.⁸

Na verdade, é a própria formulação «o Paulo dos Atos» a implicar uma outra — «o Paulo das Cartas» — confirmando ambas a necessidade premente de refletir sobre três tipos de mediação histórica e as suas consequentes ilusões metodológicas. A primeira incide numa perspetiva positivista da procura dos factos históricos, que reduz os testemunhos da tradição a simples factos interpretados. Esta perspetiva esquece que o autor dos Actos não escreve uma história de Paulo, mas das origens cristãs, onde o agir dos apóstolos e de Paulo é plenamente integrado no seguimento do agir de Jesus. O objetivo principal do livro não é legitimar a figura de Paulo, mas sim o cristianismo face ao judaísmo.⁹ E, por isso, a pergunta correta não é tanto a de *como é que o autor compreendeu a figura de Paulo*, mas antes a de *como é que o autor do livro dos Atos entendeu a participação de Paulo na construção da identidade cristã? E porque é que Paulo constitui aos olhos do autor deste livro das origens, o termo final de uma identidade cristã colocada em relato?*

A segunda ilusão metodológica é o critério de fixação numa eventual testemunha ocular, sublinhada pela associação entre o autor e as famosas secções de um «nós» (Act 16,10-17; 20,5-15; 21,1-18; 27,1-28). Impõe-se aqui uma objetividade, onde o todo não seja, de modo algum, implicado por uma pequena parte. Atualmente, uma grande parte dos exegetas é unânime em considerar que estas secções não só não cobrem a totalidade da narrativa referente a Paulo, como admitem igualmente a voz de um grupo portador da tradição Paulina à qual pertenciam os companheiros de Paulo; o mesmo grupo que recebeu o mandato de perpetuar a tradição missionária de Paulo e de a preservar.¹⁰

A terceira ilusão recai sobre a tentativa de tentar vislumbrar o perfil do Paulo nos Atos através de uma simples comparação com o Paulo das Cartas, imaginando o autor dos Atos a escrever uma história de Paulo, tendo sob os seus olhos as cartas do apóstolo. Esta atitude negligencia as diferentes etapas históricas, que marcam o fenómeno complexo e multiforme da receção da tradição de Paulo. François Bovon fala de duas formas: uma tradição escrita em seu nome (cartas deutero-paulinas Cl, Ef, 2Ts e as cartas pastorais 1-2Tm e Tt); e uma tradição mais relacionada com a memória da sua ação (Atos dos Apóstolos). É deste autor a expressão «D'un côté Paul survit comme document, de l'autre comme monument»,¹¹ apoiando-se numa formulação de von Ranke «L'Histoire ne commence que là où les monuments deviennent intelligibles et où existent des documents dignes de foi». ¹² É com base nestes estudos que D. Marguerat fala de uma receção das tradições acerca de Paulo, organizada a partir de dados biográficos (o Paulo missionário das nações), canónicos (o Paulo escritor) e doutorais (o Paulo evocado como doutor da Igreja nas cartas deuteropaulinas Cl Ef 2Ts e pastorais). Esta diversidade de dados representa três modos de assumir a ausência do apóstolo, juntamente com o esforço de fixar a memória da sua vida e preservar os seus escritos.¹³ Na sua gestão, cada autor destes selecionou os traços da figura do apóstolo que melhor serviam o seu projeto teológico, terminando por lhe atribuir um estatuto específico.

⁷ O. FLICHY, *La figure de Paul dans les Actes des Apôtres. Un phénomène de réception de la tradition paulinienne à la fin du I^{er} siècle* (Paris 2007).

⁸ Cf. *ibidem*, 35-49.

⁹ Cf. D. MARGUERAT, «L'image de Paul dans les Actes des Apôtres», 129; contra G. WASSERBERG, «Lk-Apg als Paulusapologie», in *The Unity of Luke-Acts* (ed. J. VERHEYDEN) (BETL 142; Leuven 1999) 723-730.

¹⁰ Sobre esta questão cf. V. FUSCO, «Le sezioni-noi degli Atti nella discussione recente» e «Ancora sulle sezioni-noi degli Atti», in *da Paolo a Luca. Studi su Luca-Atti I* (Studi biblici 124; Brescia 2000); S.E. PORTER, *The Paul of Acts*, 10-66; A. WEDDERBURN, «The "WE"-Passages in Acts: On the Horn of a Dilemma», *ZNW* 93 (2002) 78-98.

¹¹ Cf. HENRI-IRÉNÉE MARROU, *De la connaissance historique* (Paris 1975) 65.

¹² Cf. FRANÇOIS BOVON, «Paul comme Document et Paul comme Monument», in J. ALLAZ, *Chrétiens en Conflit. L'Épître de Paul aux Galates* (Essais bibliques 13; Genève 1987) 54-55;

¹³ Cf. D. MARGUERAT, «L'image de Paul dans les Actes des Apôtres», 132-133.

Neste sentido, o silêncio do autor do livro dos Atos em relação às cartas entende-se perfeitamente. Não se trata de um esquecimento, mas a prova de que o seu conhecimento de Paulo não é necessariamente um conhecimento literário.¹⁴ A tradição que sustém a narrativa dos Atos não se fundamenta diretamente nas palavras do apóstolo, mas na história da sua vida.¹⁵ Talvez, por isso, enquanto nas cartas pastorais Paulo aparece como um princípio absoluto (um pai que se dirige aos seus filhos na fé), nos Atos, a narrativa de Paulo é precedida e inscrita na continuação de Pedro e de Estêvão.¹⁶ Hoje é compreensível a todos que o livro dos Atos desenvolve uma historiografia polarizada na construção de uma identidade cristã. Neste projeto, a figura e a ação de Paulo não são um acrescento, mas antes um vetor através do qual a identidade do cristianismo atinge a sua plena realização. A sustentar um tal projeto entrevê-se um autor que integrou uma tradição que, cerca dos anos 80, celebrava o papel do apóstolo na construção da identidade cristã. O resultado da sua reflexão não foi uma releitura dos escritos de Paulo, mas a memória da sua atividade de fundador de comunidades cristãs.

Ao procurarmos o perfil de Paulo no livro dos Actos, somos levados a entrar neste debate não por mera curiosidade intelectual, mas porque ele opera em nós uma aptidão nova de leitura: a capacidade de entender o livro como o desenvolvimento de projeto histórico e teológico, onde o autor, a partir das tradições recolhidas, desenhou progressivamente a imagem de Paulo.

Na opinião de D. Marguerat, uma investigação que seguimos de muito perto nesta apresentação, o autor dos Atos fixa no quadro da narrativa quatro momentos significativos do percurso de Paulo: o caminho de Damasco (At 9; 22; 26); os discursos feitos em Antioquia da Pisídia (At 13) e em Atenas (At 17); a estadia em Éfeso (At 19) e o adeus (At 20); o final em Roma (At 28).¹⁷ É a partir destes quatro momentos que sustentaremos a nossa procura do perfil de Paulo.

Entre raízes e a inevitabilidade de rutura

Como já mencionámos, o autor dos Actos introduz a figura de Paulo na ocasião do martírio de Estêvão («As testemunhas depuseram as capas aos pés de um jovem chamado Sau/loj» 7,58b), numa incursão estratégica que associa o jovem fariseu à repressão judaica contra os adeptos de Jesus («Sau/loj aprovava também essa morte.» 8,1a). E, é neste contexto de perseguição que o autor integra o grande acontecimento de Damasco (Act 9); um acontecimento que retoma, surpreendentemente, no caps. 22 e 26, onde é Paulo quem fala diretamente da sua transformação como um acontecimento fundador. A caminho de Damasco, o ressuscitado deteve Saulo no seu agir de perseguição, deitou-o por terra, despojando-o do seu querer e do seu estado de sujeito («Ergue-te, entra na cidade e dir-te-ão o que tens a fazer.» 9,6). A observação do narrador — «Começou, então, logo, a proclamar nas sinagogas que Jesus era o Filho de Deus» (9,20) — sugere que esta transformação não arrebatou Paulo ao seu judaísmo; apenas o reorientou. A prova é que Paulo dirigiu-se-á sempre primeiro à sinagoga, onde verá a sua pregação ser rejeitada com mais ou menos violência. Nas sinagogas, interpelado e desacreditado, Paulo repetirá sem cessar aos seus interlocutores judeus, que a ressurreição de Jesus realiza as esperanças de Israel (9,22; 13,23-33; 23,6; 26,4-8).

Nestes traços narrativos, o autor revela o seu acordo com uma identidade cristã que não pode se compreender fora de uma relação com Israel, ainda que tenha de ser considerada numa dialéctica de continuidade e ruptura. Israel é o lugar das origens de Paulo, mas também o lugar onde Paulo afirma a sua diferença. Ao oferecer-nos um Paulo que ao falar da sua transformação deixa bem claro não ter abandonado o Deus de Israel e o seu povo, o autor sugere, aos seus leitores imediatos, que ser cristão como Paulo é assumir a novidade da ressurreição sem deixar de situar-se num contexto de relação com a tradição de Israel. Na própria afirmação de Paulo — «Irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseus, e é pela nossa esperança, a ressurreição dos mortos, que estou a ser julgado.» (23,6; cf. Act 26,6-7; 28,20) — o autor sugere que o autêntico judaísmo não pode senão consentir a

¹⁴ Cf. K. LÖNING, «Paulinismus in der Apostelgeschichte», in *Paulus in den neutestamentlichen Spätschriften* (Freiburg 1981) 202-232.

¹⁵ Cf. D. MARGUERAT, «L'image de Paul dans les Actes des Apôtres», 134.

¹⁶ Um aspecto que vemos confirmado nas cartas, nomeadamente quando Paulo se remete a uma tradição precedente (cf. 1Cor 15,15,3).

¹⁷ Cf. D. MARGUERAT, «L'image de Paul dans les Actes des Apôtres», 135-136.

novidade cristológica. Nas palavras dirigidas, por Jesus, a Paulo — «Ergue-te e firma-te nos pés, pois para isto te apareci: para te constituir servo e testemunha do que acabas de ver e do que ainda te hei-de mostrar. Livrar-te-ei do povo e dos pagãos, aos quais vou enviar-te, para lhes abrires os olhos e fazê-los passar das trevas à luz...» (26,15b-18) — o autor remete Paulo para a sua própria experiência de passagem de um estado de ignorância religiosa ao de uma revelação nova.¹⁸ Paulo, vencido pela luz do ressuscitado, tornado cego e curado da sua cegueira, é protótipo de uma transformação que ele deve iniciar junto dos seus irmãos judeus e de todas as nações pagãs. Enraizada, num registro autobiográfico, a transformação / conversão de Paulo a caminho de Damasco adquire um estatuto programático, onde desenhando a imagem de Paulo se desenha a condição de cada cristão e do seu acesso a fé.

O Deus de todos e de cada um

Os dois discursos feitos por Paulo em Antioquia da Pisidia (Act 13) e em Atenas (Act 17) assumem, também eles, uma função programática: o primeiro, representativo de uma tentativa de diálogo com o judaísmo e, o segundo, do diálogo com a cultura grega. Dotado na arte da retórica, Paulo oferece aos seus irmãos judeus uma releitura da história da salvação sob a égide das grandes figuras libertadoras de Israel: Moisés, os juizes, David e Jesus, unindo-os sob uma continuidade da fidelidade de Deus ao seu povo. Porém, Paulo surpreende os seus ouvintes ao citar as palavras do profeta Habacuc « Vede as nações e contemplai, admirai-vos, ficai pasmados! Pois vou realizar uma obra em vossos dias, que não acreditareis, se vos fosse contada.» (13,41; cf. Hab 1,5), sob as quais ele legitima, numa intervenção divina, a ressurreição de Jesus (13,27-29).

No seu famoso discurso em Atenas (17,22-31), Paulo prefere justificar a vinda de Jesus como uma resposta à procura religiosa de todo o ser humano — «Pois bem! Aquele que venerais sem o conhecer é esse que eu vos anuncio» (17,23) — defendendo que a tolerância da ignorância encontra um final na vinda e na ressurreição de Jesus.

Descobre-se, nas palavras destes discursos, a ambição do autor por um cristianismo como uma religião universal; um projecto que engloba judeus e pagãos; termo da esperança de Israel (26,7) e resposta à procura do Deus desconhecido (17,23). Um cristianismo integrador, no qual se pode consolidar a história particular de Israel e o universalismo romano. Ninguém como Paulo, pregador na sinagoga de Antioquia e orador no areópago de Atenas, une estas duas componentes no crisol da nova fé. Como fariseu e cidadão romano, filho de Abraão e do império, Paulo incarna a confluência de tradições onde se forja o movimento cristão. Ele é o herói missionário fundador de uma Igreja onde se confessa o Deus de todos e de cada um, num cristianismo que reúne a herança de Jerusalém e o futuro de Roma.¹⁹

O cristianismo como lugar da Palavra

No percurso missionário de Paulo, a escala em Éfeso é ocasião para a famosa controvérsia com os ourives, que defendiam o seu comércio ligado ao Templo de Artémis contra a pregação do apóstolo (Act 19,21-40). O autor aproveita este contexto para evocar as resistências económicas levantadas pela pregação do Evangelho. Numa estratégia já habitual, Paulo procura a sinagoga e esforça-se por convencer os seus ouvintes. Diante da resistência e hostilidade dos seus correligionários, Paulo instala-se numa escola (Ecolh.). O comentário do autor — «Como alguns se mostrassem renitentes e não acreditassem, dizendo mal da «Via» perante a multidão, rompeu com eles, afastou-se com os seus *discípulos* e começou a ensinar diariamente na *escola* de Tirano. Isto prolongou-se por dois anos, de modo que todos os habitantes da Ásia, tanto *judeus como gregos*, puderam ouvir a **PALAVRA DO SENHOR.**» (19,9.10) — convida à importância estratégica de uma migração, que se desloca do espaço da sinagoga para a escola. A narrativa desenha um crescendo: alude-se ao processo de separação geográfica com a sinagoga; refere-se e acentua-se o lugar novo da «escola» juntamente com a tripla ocorrência do termo «discípulo» (19,9.30; 20,1);

¹⁸ Cf. D. HAMM, «Paul's Blindness and its Healing: Clues to Symbolic Intent (Act 9; 22 and 26)», *Bib* 71 (1990) 63-72.

¹⁹ Cf. F. BOVON, «Israël et les nations dans l'œuvre double de Luc», in *L'œuvre de Luc. Études d'exégèse et de théologie* (LD 130 ; Paris 1987) 242-263.

insere-se o nome distintivo da fé cristã como «caminho» (`odo,j); sugerindo-se, finalmente, que o ensino realizado nesta escola se dirige a um auditório universal, judeu e grego.

Como resultado, a longa permanência de Paulo em Éfeso foi ocasião de rutura e de escolha de um novo local de comunicação da Palavra, que agora transborda o âmbito do judaísmo para se abrir definitivamente também aos pagãos. A circunstância permite entrever uma deslocação significativa das referências institucionais, rituais e intelectuais da comunidade reunida à volta de Paulo. Tal como no Evangelho Jesus fora apresentado como um mestre itinerante (longa secção da viagem Lc 9,51 – 19,28), também agora os Atos prosseguem, assemelhando o cristianismo nascente, expulso do Templo de Jerusalém (8,1b-4), a uma escola onde se partilha a Palavra. Este desenvolvimento caminha a par com a personalização grandiosa do final do livro dos Actos, totalmente focalizado na pessoa de Paulo como um mestre e mártir (Act 19 - 28).

É a partir de um Paulo-mestre, que o autor desenha os termos de um adeus. A caminho de Jerusalém, onde pretende entregar o produto da coleta destinada à comunidade ali reunida, Paulo pára em Mileto e dirige dali as suas últimas palavras aos anciãos de Éfeso (20,17-38). O autor sobrecarrega a narrativa de emoção, oferecendo-nos um Paulo que fala da incerteza do seu destino e da retidão do seu ensino. Surpreende-nos, porém que ele não nos detenha na pessoa ou palavra de Paulo, como o fazem as cartas pastorais, mas se focalize na Palavra recebida e transmitida: «E agora, confio-vos a **DEUS E À PALAVRA DA SUA GRAÇA**, que tem o poder de construir o edifício e de vos conceder parte na herança com todos os santificados» 20,32). Estamos diante de um esboço único do autor dos Atos: não obstante o valor determinante do ministério dos doze e de Paulo, e do poder da ação do Espírito, a edificação e a consolidação da Igreja não dependem, primeiramente, nem do ministério, nem do Espírito.²⁰ A edificação da Igreja depende da Palavra de Deus. O ministério eclesiástico é o seu instrumento e o Espírito uma força atuante.²¹

O autor dos Atos entrega os responsáveis da comunidade ao poder da Palavra, defendendo a sua narrativa dos acontecimentos, não como um simples relato de sucessão apostólica (com exceção de 14,4.14 reserva o título de apóstolo unicamente aos doze)²² ou de edificação da instituição (não existe qualquer interesse pelas estruturas eclesiásticas), mas sim como a explanação de uma Palavra fundadora.²³ A própria incerteza em que o autor nos deixa em relação ao final de Paulo — «Paulo permaneceu dois anos inteiros no alojamento que alugara, onde recebia todos os que iam procurá-lo, ANUNCIANDO o *Reino de Deus* E ENSINANDO o que diz respeito ao *Senhor Jesus Cristo*, com o maior desassombro e sem impedimento.» (28,30-31) — revela o seu desejo de constituir Paulo como uma figura exemplar do testemunho que sabe apagar-se diante da palavra que anuncia.²⁴

A casa, lugar da Igreja

Com tal, o livro dos Atos não se consuma nem na morte de Paulo, nem numa palavra de adeus, mas numa «casa» romana onde Paulo permanece a pregar o Evangelho (28,30-31). O autor termina o livro, deixando Paulo e o leitor nesta casa, transformada no lugar de uma Palavra onde se articulam os dois grandes eixos teológicos: o Reino de Deus (foco da pregação de Jesus) e do Senhor Jesus Cristo (polo teológico dos Atos). Depois de abrir a narrativa com uma demorada exposição da idade de ouro da primeira comunidade em Jerusalém, reunida à volta dos apóstolos no Templo (At 1 - 6), o autor constrói progressivamente uma migração

²⁰ Cf. J. DUPONT, «Les ministères de L'Église naissante d'après les Actes des Apôtres», in *Nouvelles études sur les Actes des Apôtres* (LD 118 ; Paris 1984) 182.

²¹ Note-se que nesta formulação, o autor dos Actos se revela totalmente Paulino; uma formulação luminosa de F. BOVON: «Luc, pas plus que Paul, ne situe l'Esprit au premier rang. C'est la Parole, stimulée et accompagnée par l'Esprit, qui compte tout d'abord. Le livre des Actes ne raconte pas le succès d'expériences enthousiastes, mais la diffusion de la Parole soutenue et suivie par l'offre de l'Esprit» [cf. F. BOVON, *Luc le théologien. Vingt-cinq ans de recherches*, 1950-1975 (Genève 1988²), 253].

²² Enquanto Paulo o reivindica constantemente (cf. Rm 1,1.5; 1Cor 1,1; 4,9; 9,1-2; 15,9; 2Cor 1,1; Gl 1,1.17; Ef 1,1).

²³ Cf. YANN REDALIÉ, «L'immagine di Paolo negli Atti degli apostoli», *RSB* (2001 / 2), 135.

²⁴ Cf. D. MARGUERAT, *La première histoire du christianisme. Les Actes des Apôtres* (LD 180 ; Paris 1999), 307-340.

narrativa do Templo para a casa. Uma casa, que sendo lugar de reunião, se torna o lugar de recomposição de identidade cristã.

A importância da missão de Paulo e dos seus colaboradores aparece bem assinalada pela sua passagem por muitas destas casas, onde eles foram acolhidos e se demoraram recolhendo novos adeptos (casa Lídia em Filipos; de Áquila e Priscila em Corinto). Por isso, não existe ingenuidade nesta referência final à «casa», onde Paulo permanece na sua pregação. Ela é oportunidade excelente para sublinhar o espaço novo onde o cristianismo, sem Templo, recompõe os seus ritos, estabelece os laços de fraternidade e solidariedade, pratica o acolhimento e desenvolve a comunhão.²⁵ Mas esta casa não é apenas o espaço onde se joga o futuro do cristianismo, ela desenha o paradigma do enviado; recorda o sofrimento de um Paulo prisioneiro, cuja vida, à imagem do Mestre, apenas se compreende num horizonte de cruz.

Conclusão

O perfil de Paulo nos Atos... não creio ter terminado a pintura! É uma tarefa a completar-se sempre no desafio da leitura. No entanto, penso ter entregue uma compreensão de que no livro dos Atos, Paulo é emblemático do que implicou tornar-se cristão. O seu perfil integra um cristianismo à procura de identidade, onde os laços com a sinagoga se rompem e se assume progressivamente uma terceira via (*tertium genus*) entre Israel e os pagãos. Não temos dúvidas que as decisões narrativas empreendidas pelo autor do livro dos Atos o levaram a correr alguns riscos. Em muitos aspetos, ele foi capaz de assegurar uma grande fidelidade ao apóstolo e à sua mensagem (a imagem de Deus, o papel de Cristo na história da salvação, a importância da fé no perdão e a função decisiva da ressurreição). Em muitos outros ele denuncia, porém, a sua pertença a um cristianismo de terceira geração: enfraquece a teologia Paulina sobre a cruz, perde-se da reflexão do apóstolo sobre os riscos da obediência religiosa e da sua denúncia do efeito perverso da Lei.

Sim, o perfil de Paulo, nos Atos, está filtrado por uma extraordinária «monografia histórica», onde o objetivo emergente não é uma simples biografia ou o detalhado relato jornalístico. Não obstante, a narrativa revela um sentido profundo do que «aconteceu» na história — porém, uma história observada com os olhos de quem pretende ver e fazer ver, nos acontecimentos reais, o caminho da «Palavra da Graça» através do império romano, na metade do primeiro século.

Na verdade, quando relidos em sinopse, o Paulo dos Atos e o Paulo das cartas não resulta muito diverso. Os dois autores implicados são ambos dois grandes teólogos da história da redenção operada através de Cristo, embora cada um o faça com uma acentuação diversa. O Paulo dos Atos é um verdadeiro Paulo? Não duvidamos. É o Paulo histórico, ainda que visto com os olhos de um grande admirador. Sim, o autor dos Atos revela-se um grande admirador de Paulo, de quem nunca desejou escrever uma biografia. No seu horizonte narrativo esteve sempre **o dinamismo do Espírito que continuou a suscitar em todas as regiões do império romano, testemunhas de Cristo morto e ressuscitado. Paulo, neste dinamismo, ocupa um lugar de particular importância e isto foi aos seus olhos de autor e é aos nossos olhos de leitor historicamente exato.**

Luísa Maria Varela Almendra

²⁵ Cf. D. MARGUERAT, «Du temple à la maison suivant Luc-Actes», in *Quelle maison pour Dieu ?* (ed. C. FOCANT) (Paris 2003) 285-317.